

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

173

INSCRIÇÕES 659-661



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



PLACA FUNERÁRIA ROMANA  
DE S. VICENTE DE VALONGO – ÉVORA  
(*Conventus Pacensis*)

Integra uma colecção particular a placa funerária romana, incompleta, aqui estudada por especial deferência dos proprietários, o que mui reconhecidamente agradecemos.

Não se sabe ao certo o local exacto do seu achamento, mas terá sido nas imediações do castelo de Valongo, o chamado «Castelo Real de Montoito», freguesia de S. Vicente de Valongo, concelho de Évora, sensivelmente na década de 40 ou 50 do século XX, em contexto de trabalhos rurais da época, quando parelhas de bois lavravam as terras...

Recorde-se que o castelo de Valongo (leia-se: Vålongo) tem uma longa tradição e carece de ser devidamente reabilitado, objectivo por que foram criados os Amigos do Castelo de Valongo; a um dos seus dinamizadores, José Pedro Costa Figueira, também endereçamos o nosso reconhecimento. A página que, sob essa mesma designação, mantêm no *Facebook* tem justamente por objectivo a «divulgação, promoção e preservação do Castelo Real, vulgo Castelo de Valongo ou Montoito, conservando deste modo a cidadania e memória colectiva de um povo».

O Castelo Real de Valongo fica situado – como essa

duplicidade de designação denota – no termo dos concelhos de Évora e de Redondo. A Montoito, a freguesia de Ihe fica anexa, se atribui, dubitativamente, a proveniência de duas epígrafes, cujo paradeiro se desconhece: IRCP 462, o epitáfio de *Maximus Ocelaeci filius*, falecido aos 75 anos, e IRCP 469, que lembra *G. Valerius Lovesius*, que morreu com 30 anos.<sup>1</sup>

Estamos perante o fragmento (cerca do quarto inferior direito) de uma placa de calcário, com algumas escoriações e marcas da acção do tempo. Molduração do tipo gola encurtada (8 cm de largura), limitada por filete. Campo epigráfico alisado; não foram, porém, trabalhadas as arestas nem a porção da placa exterior ao filete, uma vez que se destinava a ser incrustada num monumento.

Dimensões: 25,5/27 x 48/37,5 x 5.

[...] [?] / [P]ROCVLVS · AN(*norum*) · LI (*unius et quinquaginta*) [?] / [BO]VTIA · AN(*norum*) · III (*trium*) · F(*ilia*) / [VEN]VSTA · AN(*norum*) · II (*duorum*) · F(*ilia*)

[...] *Próculo, de 51 [?] anos; Búcia, filha, de três anos; Venusta, filha, de 2.*

Altura das letras: l. 1.: (3,5); l. 2 e 3: 3,5. Espaços: 2 e 3: 0,2; 4: 9.

Paginação cuidada, pelo que nos é dado verificar, eventualmente com alinhamento à esquerda. Pontuação correcta, de pontos em forma de pequeno traço oblíquo. Não há fórmula funerária final, porque o espaço deixado em branco se destinava a ser ocupado pela identificação doutro defunto (quicá, a mãe, mormente se considerarmos que o primeiro defunto mencionado pode ser o pai), a que se acrescentariam, então, as habituais referências «aqui jazem», «que a terra vos seja leve».

Supomos que não haveria uma outra linha antes da que

---

<sup>1</sup> IRCP = ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra, 1984, <sup>2</sup>2013 (acessível em <http://hdl.handle.net/10316/578>). Indica-se o nº da inscrição no catálogo.

ora se lê; em todo o caso, colocamos mui dubitativamente essa hipótese.

Na l. 1, falta o P inicial e do R resta a metade inferior; aliás, a fractura ocorreu obliquamente para baixo, de modo que das letras finais só temos praticamente os vértices inferiores, pelo que a idade sugerida pode não ser a que estaria mencionada. Na l. 2, cremos não ser dubitativo reconstituir *Boutia*, pois haveria espaço e temos cerca de metade do V. Na l. 3, uma vez que, como a seguir se dirá, nos encontramos em ambiente indígena romanizado, afigura-se-nos também pacífico reconstituir *Venusta*, antropónimo etimologicamente latino que surge, por exemplo, não muito longe, como *cognomen* de uma *Vivennia*, devota da divindade *Endovellicus*, em S. Miguel da Mota (Terena, Alandroal – IRCP 508).

Onomástica latina e pré-romana, usada à maneira indígena, na medida em que os defuntos só se identificam com um nome. Assim, *Proculus* é *cognomen* latino com cerca de uma dezena de testemunhos no *Conventus Pacensis* (cf. IRCP, p. 919); *Boutius* é antropónimo tido como etimologicamente pertencente à área lusitana, de cuja presença no *conventus Pacensis* outros exemplos há (cf. IRCP, p. 914). Uma população que, pela onomástica, se enquadra perfeitamente no que se conhece dessa área do *conventus Pacensis*, em que a onomástica indígena se latinizou facilmente e os indígenas, quiçá também pela relativa proximidade da capital da Lusitânia, *Emerita Augusta*, se abrem à cultura romana.

Panorama doloroso, convenhamos, o que esta placa funerária parece documentar, se pensarmos que foi a mãe quem mandou lavar a epígrafe, na esperança de também o seu nome vir a figurar, quando a sua hora chegar, no espaço que mandou deixar em branco. Ter-lhe-á morrido o marido, *Proculus*; sepultou também neste jazigo familiar as filhotas: *Boutia*, de três anos, e *Venusta*, de dois...

Pela paleografia e pelo que se pode deduzir do texto que nos resta, será monumento epigráfico datável da 1ª metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
PATRÍCIA MAXIMINO



661